

Novas tensões geopolíticas hoje

por *Francisco Carlos Teixeira Da Silva*¹, Ph.D., com a cooperação dos Professores *Sandro Teixeira e Victor Vieira*²

“No country can retreat to their own island, we live in a shared world and face a shared destiny,”
Presidente Xi Jinping.

Apresentação

A partir de 24 de setembro 2018, a materialização de uma “guerra comercial (e tarifária)” entre os EUA e a China Popular não pode mais ser questionada. Uma série de medidas postas em prática por Washington atinge 818 produtos e deve custar cerca de US\$ 200 bilhões por ano às exportações chinesas para o mercado americano, ao que os chineses responderam impondo tarifas similares no valor de US\$ 60 bilhões³. Ao mesmo tempo os Estados Unidos paralisaram suas exportações de petróleo para China numa medida de virtual bloqueio energético à China, cortando um fluxo anual correspondente a 20% do total das exportações americanas do setor, embora só representem 3% das compras chinesas, valendo bem mais por seu peso simbólico⁴.

¹ Professor Titular de História Moderna e Contemporânea/UFRJ; Professor Titular de Ciência Política CPDA/UFRRJ e Professor Emérito do IMM/PPGCM/ECEME/EB.

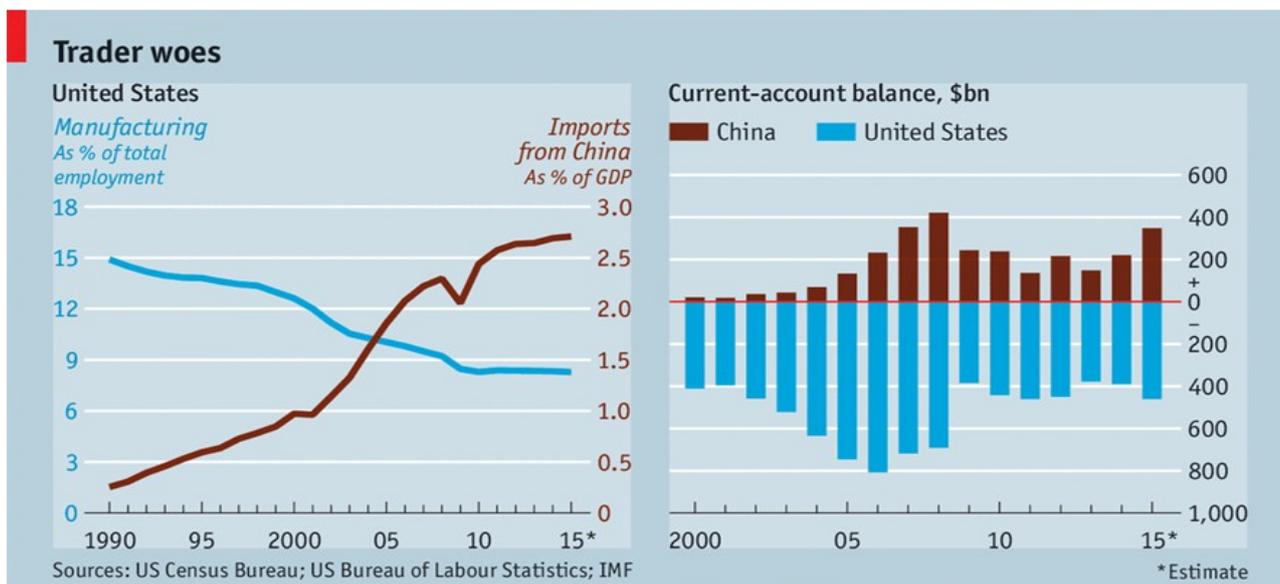
² Professores do IMM/PPGCM/ECEME /EB.

³ CNBC. US and China exchange new trade war blows as latest round of tariffs takes effect. In: <https://www.cnbc.com/2018/09/24/us-china-trade-war-new-tariffs-take-effect.html>. Visitado em 24/09/2018.

⁴ Reuters. U.S. crude oil shipments to China 'totally stopped' amid trade war: shipping executive, 03/10/2016. In: <https://www.reuters.com/article/us-usa-china-trade-oil/u-s-crude-oil-shipments-to-china-totally-stopped-amid-trade-war-shipping-executive-idUSKCN1MD001>, visitado em 05/10/2018.

O Governo Americano tem insistido em um amplo acordo com o Governo Chinês em que este se comprometa com a compra de grandes quantidades de gás americano para compensar o déficit comercial existente no comércio entre os dois países. Ocorre que os acordos em vigor, e as grandes obras em curso, apontam para a importação de gás russo, envolvendo contratos compensatórios em armas e equipamentos militares. Da mesma forma, Beijing se recusa, com vigor, a negociar sob pressão das autoridades americanas, em especial enquanto as tarifas e sanções estiverem em vigor.

O próprio Trump, por sua vez, advertiu os chineses que quaisquer tentativas de tarifificar mais produtos americanos seria respondido por uma nova rodada de tarifas adicionais americanas no valor de US\$ 267 bilhões. Ou seja, os americanos se reservam o direito de agir de forma unilateral e sem admitir respostas similares. De qualquer forma, há, de fato, uma impossibilidade de resposta de igual talante por parte da China – e aqui reside uma fraqueza de Beijing – posta a assimetria do fluxo comercial entre ambas as potências: as exportações americanas para a China são muito inferiores às exportações chinesas para os EUA – cerca de 21% do total das exportações do país –, limitando a capacidade de retaliação da China⁵. O que era um êxito chinês torna-se, neste momento, não só a causa da crise, como ainda a impossibilidade de uma ação retaliatória eficaz⁶.



Economist.com

Fonte: The Economist. Trade in the balance, <https://www.economist.com/node/21690073/RK%3D2/RS%3DLc.OGua7fVTrbTLDNRU8tAL1B8c->. Visitado em 30/09/2018.

Mais do que Comércio

Ao mesmo tempo, as autoridades americanas “escalaram” a chamada “Trade War” a um nível superior argumentando não se tratar de tão somente de um conflito comercial. Acusam a China de praticar “dumping”, preços artificialmente baixos de produtos estratégicos – como as chamadas “terras raras” – e assim destruir o produtor americano, forçar a transferência de tecnologia, bem como a clonagem de produtos que afetam a indústria de defesa americana em cerca de 300 itens como uma política sistêmica visando enfraquecer diretamente a

⁵ The Guardian. New tariffs take effect as China accuses US of 'economic hegemony'. In: <https://www.theguardian.com/world/2018/sep/24/new-us-tariffs-on-china-take-effect-with-no-compromise-in-sight>. Visitado em 24/09/2018.

⁶ U.S.-China Economic and Security Review Commission. Trends in Trade: U.S.-China Goods Trade 2012–2017, 19/07/2018. In: <https://www.uscc.gov/sites/default/files/Research/Trends%20in%20Trade%20Staff%20Report.pdf>. Visitado em 30/09/2018.

segurança nacional americana. Assim, tais métodos “comerciais” da China – “uma guerra branca” –, denunciados por Trump e pelo vice-presidente Pence, seriam parte de uma clara política hostil, sistêmica e premeditada no âmbito de um projeto maior de “guerra sem guerra”⁷.

A parte chinesa, contudo, apresentou, claro, um vigoroso protesto contra a política americana e, acima de tudo, contra a interpretação de Washington, acerca das intenções chinesas sobre suas práticas comerciais⁸. Ao mesmo tempo reservou-se o direito de impor novas tarifas aos produtos americanos, em especial na área agrícola e de eletrônicos, avaliando com cautela a pauta de importações visando não danar as suas próprias cadeias produtivas, altamente imbricadas em redes internacionais, num mundo marcado pela chamada “interdependência complexa”, desde a abertura do país na época de Deng Xiaoping (1978-1990)⁹.

Da mesma forma, Beijing vem escolhendo cuidadosamente itens, produtos e regiões que sejam ligados ao eleitorado republicano – como vinhos, soja, carne refrigerada, motos – logo, sensível a Donald Trump e seu partido – visando assim criar resistências à política de Trump. Este, por sua vez, advertiu que tais medidas “seletivas” seriam respondidas de forma ainda mais severa¹⁰.

Beijing, tal qual a União Europeia, Rússia e a Turquia, outros alvos da política tarifária de Trump, se dirigiram a OMC para apresentar queixas sobre o caráter “não-econômico” e sem justificativa, da nova política tarifária do governo americano. Conforme conhecemos a Organização, sua lentidão administrativa e seu emperramento político, qualquer decisão no seu âmbito será extremamente lenta e sem dúvida as conversações bilaterais – caso aconteçam! – serão mais eficientes do que quaisquer outras que venham ocorrer no seio da OMC. Já prevendo tal procedimento, o Governo Americano avançou propostas de reforma da OMC e, caso não seja contemplado em seus interesses, ameaçou abandonar a organização, desferindo mais um golpe nas regras de “compliance” até então vigentes na Ordem Mundial¹¹.

⁷ USA. Assessing and Strengthening the Manufacturing and Defense Industrial Base and Supply Chain Resiliency of the United States. September, 2018. In: <file:///C:/Users/Francisco%20Teixeira/Desktop/ASSESSING-AND-STRENGTHENING-THE-MANUFACTURING-AND-DEFENSE-INDUSTRIAL-BASE-AND-SUPPLY-CHAIN-RESILIENCY.PDF>, visitado em 30/09/2018. Este documento foi publicado especificando as áreas e setores que seriam atingidos pela concorrência chinesa.

⁸ The Hill. China hits back at Pence accusations of meddling in US elections, 05/10/2018. <https://thehill.com/policy/international/410053-china-hits-back-at-pence-accusations-of-meddling>. Ver também: China People's Daily. Accusation of meddling 'ridiculous', 06/10/2018. In: <http://en.people.cn/n3/2018/1006/c90000-9505906.html>. Visitados em 05/10/2018.

⁹ China People'S Daily. US trade policy damages global supply chain: experts. In: US trade policy damages global supply chain: experts. In: <http://en.people.cn/n3/2018/0924/c90000-9502981.html>. Visitado em 24/09/2018.

¹⁰ Global Times. Soybean crops suffering from trade tensions. In: <http://www.globaltimes.cn/content/1121310.shtml>. Visitado em 24/09/2018.

¹¹ The Guardian. Trump: US will quit World Trade Organization unless it 'shapes up', 31/08/2018. In: Trump: US will quit World Trade Organization unless it 'shapes up'. Visitado em 31/08/2018.

Na verdade, a emergência do “fenômeno Trump” tem marcado, de forma acentuada, o fracasso das organizações internacionais de cooperação e as regras ditas de “compliance” até então extremamente prezadas pelas administrações norte-americanas. Assim, a ONU, passando pelo G7, o G20 e a própria OMC, encontra-se sob forte pressão e a ameaça de retirada dos EUA da organização – tal como foi o caso da Comissão de Direitos Humanos da ONU, a Conferência do Clima ou o TPP – é bastante real e marcaria mais um passo concreto na convulsão atual da Ordem Mundial¹².

Um complicador – de alcance ainda não de todo avaliado – deu-se em 21/09/2018 quando os EUA aplicaram uma série de sanções econômicas, políticas e legais ao Governo de Beijing (e de Moscou) em virtude das compras chinesas de armas russas (sistemas representados pela empresa estatal russa “Rosoboronoexport” como os caças SU-35 e o Sistema Superfície-Ar S-400), como punição pelos “russos agirem de forma maligna na Ucrânia e na Síria”¹³. Neste contexto o “Equipment Development Department” (EDD), órgão do Ministério da Defesa Chinês e seus altos funcionários, foi sancionado, com confisco de bens e contas bancárias, impedimento de viagens aos Estados Unidos, cancelamento de vistos, cancelamento de contratos, provocando uma inusitada ira do Governo Chinês¹⁴.

O Governo de Beijing entendeu que as medidas norte-americanas nada tinham em relação à política ucraniana ou síria e que visavam, na realidade, ameaçar outros cerca de 60 clientes do mercado de armamentos russos e, assim, impedir e amedrontar clientes russos, visando ampliar o próprio mercado de armamentos norte-americanos. Especialmente o sistema de defesa antiaéreo S-400, um sucesso de vendas – hoje negociado pela Turquia, Egito, Iraque, Índia, Arábia Saudita, EAU, além da própria China – e que vinham desafiando os interesses de Washington – Sistema Patriot ou THAAD como alternativas –, inclusive no seio da própria OTAN, como no caso da Turquia e Grécia¹⁵.

As ameaças americanas de sanções parecem surtir seus primeiros efeitos no caso da Indonésia, que havia iniciado o processo de compra de 11 Caças russos S-35, via a mesma

¹² The National Interest. Trump is tempting a Trade War. In: <https://nationalinterest.org/feature/trump-tempting-trade-war-27522>. Visitado em 13/07/2018.

¹³ Para uma maior compreensão do orçamento militar chinês e suas transformações ver: Global Security/China/China's Defense Budget. In: <https://www.globalsecurity.org/military/world/china/budget.htm>. Visitado em 30/09/2018. Ver ainda: The People's Liberation Army Ministry. China to increase 2018 defense budget by 8.1 percent, 05/03/2018. In: http://eng.mod.gov.cn/news/2018-03/05/content_4805949.htm. Visitado em 30/09/2017.

¹⁴ Sputnik. Aplicando sanções, EUA fizeram da China seu novo 'inimigo', diz especialista. In: https://br.sputniknews.com/asia_oceania/2018092212273014-eua-china-sancoes-armamentos-russos/, visitado em 22/09/2018. Tais ações do Governo Americano provocaram uma inusitada reação por parte de Beijing, Ver: Ministry of National Defense. "Strong indignation" over U.S. "sanctions", 22/09/2018. In: http://eng.mod.gov.cn/news/2018-09/22/content_4825555.htm. Visitado em 30/09/2018.

¹⁵ El País. China amenaza a EE UU con represalias por las sanciones a la compra de armamento ruso, 22/09/2018. Visitado em 24/09/2018.

empresa “Rosoboronoexport”, e acaba por rescindir os contratos com os russos, causando grande mal-estar entre as partes¹⁶.

Assim, a China – ferida em suas decisões soberanas na área de defesa – apresentou um forte protesto aos EUA, considerando um “grave erro” a decisão norte-americana, cancelando todos os contatos de alto nível entre os dois países e advertindo que não negociaria sob pressão. A essa grave intervenção norte-americana numa área extremamente sensível da soberania nacional – equipamentos e armas – somou-se, na semana de 24/09/2018, um importante, e agressivo, discurso de Donald Trump na ONU, onde o mandatário americano acusou a China de interferência na política interna americana, em especial com o uso de meios ilegítimos para alterar os resultados das eleições de novembro de 2018, incluindo a ação em solo americano de entidades chinesas¹⁷.

Dirigindo contra Beijing todo o arsenal de acusações antes feitas contra Moscou desde 2016 pelo “establishment” de Washington, Trump recalibra os alvos de sua administração, reafirmando os objetivos de sua política externa, onde a Rússia é vista como uma potência que já atingiu seu “teto de poder” estratégico – econômico, político e militar – não se constituindo em um competidor letal ao Estados Unidos, ao contrário da China Popular, cujo “teto estratégico” está ainda bastante longe de ser alcançado e, portanto, é a principal ameaça estratégica à supremacia mundial dos Estados Unidos no século XXI. Além disso, a posição chinesa no Pacífico e sua “virada geopolítica” atual, passando de uma potência tipicamente terrestre, continental, com vetores voltados para a expansão para as planícies do Nordeste/Noroeste, em uma potência anfíbia, construindo um importante “poder marítimo” direcionado para os “mares do Sul”, projetando força em direção às nações-arquipélagos tradicionalmente clientes das potências anglo-saxãs e herdeiras do “Rajj” colonial britânico, alterando todo o mapa geopolítico do “Grande Pacífico”¹⁸.

A “escalada” do enfrentamento entre a China e os Estados Unidos interessa largamente à Índia, não só por desviar a atenção de Beijing da sua fronteira tibetana e de inibir as ameaças ao Norte da fronteira, em especial incidentes como o acontecido em Doklam, em 2017 (junto à fronteira do Butão). Para a Índia é uma grande oportunidade de avançar em seus projetos de equipamentos estratégicos – balística, nuclear, hipersônico – com o qual conta com forte presença da Rússia (na ordem de quase 60% de todas suas compras de equipamento militar (embora em tempos da Guerra Fria essa cifra sido perto de 90% e uma mudan-

¹⁶ Sputnik. Indonésia teria suspendido compra de caças russos devido as sanções dos americanos, 05/10/2018. In: <https://br.sputniknews.com/defesa/2018100512370695-indonesia-suspende-compra-cacas-russos-sancoes-eua/>, visitado em 05/10/2018.

¹⁷ The New York Times.U.N. General Assembly: Trump Leads Security Council Meeting, 26/09/2018. In: <https://www.nytimes.com/2018/09/26/world/americas/united-nations-general-assembly.html>. Visitado em 30/09/2018.

¹⁸ A herança do “Rajj” começa a ser ressignificada fortemente com a parceria da própria Índia entendida como ator importante e ativo, herdeiro natural da geopolítica de Mackinder na região. Assim, a Índia, Austrália, Nova Zelândia seriam chamados, ao lado dos Estados Unidos (e do Japão) para reorganizar a o espaço do “Grande Pacífico”, agora entendido como o “Indo-Pacífico, visando deter a nova potência continental em fase de expansão “anfíbia” expressa na estratégia “One Road, One Belt”. Sobre a herança do “Rajj” Ver: Ferguson, Niall. *Empire How Britain Made the Modern World*. Londres, 2012.

ça total da matriz de defesa não possa ser feita de forma ampla e brusca). A hostilidade dos Estados Unidos frente à China, as péssimas relações, hoje, deste com o Paquistão – a outra potência nuclear no Oceano Índico – e a ausência de um aliado com real poder estratégico na região – Japão e Austrália não podem ser considerados capazes de um desdobramento de forças à altura de enfrentar uma ação continuada contra a China – faz da Índia um aliado inescapável. Ao mesmo tempo, a política ambivalente do Paquistão em relação à “nebulosa jihadista”, em especial aos movimentos talibã e Al-Qaeda, e sua estreita relação com a China Popular causam profundo mal-estar em Washington, levando, enfim, a um forte estranhamento entre ambos os países sob a Administração Trump, que rompe os acordos de cooperação e ajuda militar com Islamabad, que em resposta aproxima-se ainda mais de Beijing¹⁹. Assim, na “Orla do Índico” cada vez escasseiam mais aliados para os Estados Unidos e Délhi é plenamente ciente de tais condições e joga amplamente com tal situação, além de esgrimir os “valores” certos: uma pujante democracia (o maior contingente eleitoral livre do planeta), uma economia de mercado, sua potência nuclear sob controle (o que muitos temem que não seja o caso do Paquistão), um feroz combate ao terrorismo, enfrentamento direto à China e disposição em formar, ao lado do Japão e da Austrália, uma frente de contenção anti-chinesa.

Ciente dessa condição de “pivot” de qualquer geopolítica do Indo-Pacífico, o governo de Délhi mantém, como o faz qualquer grande potência, uma política externa e de defesa independente e transfere para Washington o ônus de adequar-se às condições estratégicas existentes e necessárias para a Índia na região. Assim, Délhi espera que os Estados Unidos ajam com sabedoria, evitem “sancionar” a mais importante potência nuclear democrática da Ásia, uma “sociedade aberta”, mais populosa democracia do mundo, e uma democracia convergente com os interesses americanos no esforço de conter a China, uma potência dita “revisionista” e “antidemocrática” na recente “Estratégia Nacional de Defesa” americana. Na questão de aquisição de armas, equipamentos e tecnologias sensíveis – inclusive nuclear (da Rússia, França e Israel) Délhi sugere à Administração Trump que o “CAATSA/Countering America's Adversaries Through Sanctions Act”, aprovado pelo Congresso Americano em 02/09/2017, e utilizado para punir a Rússia através de bloqueio de bens e contas, em razão de vendas de armas e de tecnologias sensíveis, não se aplique à Índia, em especial porque tais as negociações das compras antecedem a assinatura do “Act”. Por outro lado, o presidente dos Estados Unidos possui um “veto suspensivo” (sic) sobre a decisão do Congresso na aplicação das medidas punitivas constantes da legislação do CAATSA, levando em consideração que a Índia fez compras, em 2017/18, de armas americanas no valor de 18 bilhões de dólares – ou seja, mostrou boa vontade em abrir seu mercado aos fornecedores americanos e balancear suas compras –, a aplicação de sanções contra o país seria pouco provável e levaria o país de volta a compras exclusivas na Rússia. De qualquer forma, a escolha seria de Washington e levaria a um maior isolamento geopolítico de Washington no Indo-Pacífico, exatamente o oposto à nova estratégia desenhada para a região.

Assim, Délhi se esforça para convencer os Estados Unidos em centrar sua atenção na contenção dos chineses e de sua estratégia da “Nova Rota da Seda”, em especial a ação comercial considerada “predatória” embutida no conteúdo comercial da estratégia chinesa.

¹⁹ The Guardian. Nothing but lies and deceit: Trump launches Twitter attack on Pakistan, 01/01/2018. In: <https://www.theguardian.com/world/2018/jan/01/lies-and-deceit-trump-launches-attack-on-pakistan-tweet>, consultado em 13/07/2018. Em especial Trump critica a ausência de uma resposta positiva de Islamabad na luta antiterrorista em troca da ajuda norte-americana orçada em cerca de US\$ bilhões nos últimos 15 anos. Ver ainda: De Luce, Dan. Is Trump Ready to Dump Pakistan? In: Foreign Policy, 23/03/2018, <https://foreignpolicy.com/2018/03/26/is-trump-ready-to-dump-pakistan/>. Visitado em 13/07/2018.

Nesse ponto indianos e americanos possuem plena concordância: a política comercial chinesa possui um conteúdo “bélico” para além de uma simples prática de troca entre nações. Por esta razão, tornou-se o alvo principal da nova estratégia de defesa – na verdade uma estratégia bastante agressiva – dos Estados Unidos. Tal interpretação de Trump passa, a partir do “report to President Trump”, de setembro de 2018, a ser a posição oficial do Departamento de Defesa, “reconhecendo” que a China trava uma “guerra branca”, insidiosa”, contra as bases industriais e as cadeias de suprimento dos Estados Unidos²⁰.

Para alguns centros de pensamento estratégico nos Estados Unidos, aos quais Trump dedica grande atenção, a China não representa com suas atividades econômicas e comerciais apenas um competidor comercial, mas vai bem além: Beijing estaria pondo em prática um muito bem planejado programa de identificação e exploração de pontos fracos da economia americana e aprofundando-os de forma a criar brechas estruturais na segurança nacional americana – via a desestruturação de setores chaves da economia industrial, o que verdadeiramente justificaria o recurso à legislação de Segurança Nacional para impor as sobretaxas aos produtos importados²¹. Assim, os baixos preços chineses em setores estratégicos – como no caso do perclorato de amônia, componente de combustível estratégico – seriam parte de uma consciente estratégia de “guerra sem guerra”, tão típica da estratégia maior chinesa²². A ação americana seria, nesta direção, uma contramedida indispensável num processo maior de competição entre “grandes potências”. Claro que os chineses e russos, bem como a maioria dos europeus, enxergam nos argumentos americanos uma não muito bem estruturada narrativa para acobertar uma agressiva política de proteção e promoção dos interesses econômicos americanos.

A percepção da China como risco e ameaça pela nova Administração Trump e, portanto, como o principal adversário, não é, entretanto, unânime em Washington e merece uma forte oposição interna. Grande parte da burocracia e dos estamentos tradicionais americanos – como a representação senatorial, os corpos da Inteligência como FBI, NSA e CIA e ainda uma boa parte do estamento militar representado na OTAN e no CentCom – persistem em apontar para a Rússia como o alvo principal dos esforços militares americanos, chegando ao extremo de agir autonomamente em relação à Presidência da República. Trump e seu grupo de assessores, militares e empresariais, buscam uma resolução rápida, e a menos mercurial possível, de um arranjo na Europa, onde localizam velhos interesses mesquinhos e prejudiciais aos Estados Unidos, com imensos gastos estéreis, além de competidores comerciais “desonestos”, como a Alemanha e o conjunto da União Europeia²³. Este seria o mesmo caso do Oriente Médio/Ásia Central onde se interessam em deixar a Israel um amplo espaço de livre ação para obter meios e condições para concentrar suas ações na Ásia Oriental-Pacífico,

²⁰ Ver Nota 6: US Department of Defense. Op. Cit. p. 34 e ss.

²¹ Foreign Policy. China’s Influence Operations Are Pinpointing America’s Weaknesses, 04/10/2018. In: <https://foreignpolicy.com/2018/10/04/chinas-influence-operations-are-pinpointing-americas-weaknesses/>, visitado em 05/10/2018.

²² Costa, Darc. Guerras Assimétricas. In: Teixeira Da Silva, Francisco C. Enciclopédia de Guerras e Revoluções. Rio de Janeiro, Elsevier, 2017, v. 3, p. 289 e ss.

²³ CNBC. Trump slams Germany at NATO summit: It's 'totally controlled by Russia', 11/06/2018. In: <https://www.cnbc.com/2018/07/11/trump-slams-germany-at-nato-summit-says-its-a-captive-of-russia.html>, visitado em 30/09/2018.

região agora ampliada como “Indo-Pacífico”, como surge no novo documento de “Estratégia Nacional de Defesa” publicado em dezembro de 2017²⁴.

O conceito geopolítico de “Indo-Pacífico”, introduzido à página 45 da “National Security Strategy”, desempenha um papel central no desenvolvimento da noção de rivalidade de grandes potências que baliza toda a formulação estratégica apresentada: “... region, which stretches from the west coast of India to the western shores of the United States, represents the most populous and economically dynamic part of the world [...] The U.S. interest in a free and open Indo-Pacific extends back to the earliest days of our republic”²⁵.

Neste contexto, o principal desafio na macrorregião geopolítica advém, na ótica americana, claramente da China, em especial através do desenvolvimento e implantação da Estratégia “One Road, One Belt” considerada como uma “política predatória de comércio”, a qual, por muito tempo, os Estados Unidos e seus principais aliados interessados e conter a China – Índia, Japão e Austrália – não apresentaram uma resposta consistente. O atual movimento ativo de enfrentamento com a China visa exatamente mostrar aos países do Indo-Pacífico a disposição americana para tal enfrentamento, em especial aos países menores que, nos últimos anos, oscilaram em direção ao tropismo exercido pela China na área pivot representada



Fonte: Áreas Disputadas, Google Maps.

In: <https://www.google.com/maps/d/embed?mid=1Yu-LRpmm5KLBFS6-AXs95tLLto&hl=en&ll=12.543839849671796%2C112.31323250000003&z=5>

pela ultra povoada/industrializada região do Sul da China/Mar do Sul da China, com as importantes rotas que atravessam o Estreito de Málaca, em especial petróleo, gás e contêineres.

²⁴ USA, [National Security Strategy](https://www.whitehouse.gov/wp-content/uploads/2017/12/NSS-Final-12-18-2017-0905.pdf), (dezembro) 2017. In: <https://www.whitehouse.gov/wp-content/uploads/2017/12/NSS-Final-12-18-2017-0905.pdf>. Visitado em 13/07/2018.

²⁵ Op.cit., p.45-46.

A disputa por influência, e mercados, envolve países como Filipinas, Singapura e Indonésia e outros, como Vietnã e Sri Lanka, além daqueles claramente interessados em “escapar” do tropismo geopolítico chinês, como Taiwan e Coréia do Sul. Todos seriam chamados para compor este “colar” de estados ribeirinhos capazes de obstar a estratégia de “One Road, One Belt”, contrapondo-se ao “Vento leste” do avanço chinês.

Em Direção ao Enfrentamento

Enquanto Trump discursava na ONU, em 25/09/2018, a Marinha dos Estados Unidos desenvolvia mais uma operação no Mar da China Oriental e no Mar do Sul da China visando demonstrar sua presença em toda a Região do Indo-Pacífico, e em seus mares ancilares, bem como a capacidade de garantia de navegação “urbi et orbi”, desafiando a pretensão chinesa, em especial em torno dos recém fortificados recifes e atóis do Arquipélago Spratly, denominado “Nansha” pelos chineses, considerado pela China como território “nacional”, em “Operação de Liberdade de Navegação” (FONOP, em inglês) ²⁶.

Desde agosto de 2018, os voos de observação sobre o Arquipélago das Spratly/Nansha gerariam um incidente grave, com a aviação militar chinesa fazendo uma advertência “in loco” a um P-8A Poseidon, da Marinha Americana, para se retirar imediatamente da região²⁷.

Essa aproximação geraria, no dia 30/09/2018 (8:30 hs, horário de Beijing) um grave incidente naval entre os dois países, quando o Destroier USS Decatur entra nas águas consideradas territoriais pelos chineses, a 12 milhas náuticas do Recife Gaven – Arquipélago Spratly/Nansha –, encontrando a nau de guerra chinesa (destroier 052C-170) PCR Lanzhou, da classe Luyang²⁸, que manobra a menos de 41 metros da proa do navio americano, obrigando-o a retirar-se da área numa perigosa manobra²⁹. Devemos lembrar que o Comando do PaCom já havia avisado que não aceitaria limitações à ação americana nas águas, consideradas internacionais, da Região do Indo-Pacífico.

²⁶ Financial Times. Trump Takes Aim at Iran, China, and the Global System in Big U.N. Speech, 25/09/2018. In: <https://foreignpolicy.com/2018/09/25/trump-takes-aim-at-iran-china-and-the-global-system-in-big-un-speech/>, visitado em 01/10/2018.

²⁷ Sputnik. This is China: leaves immediately, 10/08/2018. In: <https://sputniknews.com/asia/201808101067109006-us-spy-plane-warned-in-spratleys/>, visitado em 30/09/2018.

²⁸ Global Security. China – Ships. <https://www.globalsecurity.org/military/world/china/navy.htm>. Visitado em 30/09/2018.

²⁹ Global Times. China wards off US Navy destroyer to leave S.China Sea, 02.10.2018. In: <http://www.globaltimes.cn/content/1121633.shtml>, visitado em 02/10/2018; Sputnik. Navios chinês e americano se enfrentam em incidente perigoso em Mar do Sul da China, 02.10.2018. In: https://br.sputniknews.com/asia_oceania/2018100212342474-navios-chines-americo-incidente-perigoso-mar-sul-china/. The New York Times. American and Chinese Warships Narrowly Avoid High-Seas Collision, 02.10.2018. In: <https://www.nytimes.com/2018/10/02/world/asia/china-us-warships-south-china-sea.html?rref=collection%2Fsectioncollection%2Fworld&action=click&contentCollection=world®ion=rank&module=package&version=highlights&contentPlacement=6&pgtype=sectionfront>, visitados em 02/10/2018.

Para termos uma dimensão exata do incidente do USS Decatur lembremos a história dos incidentes navais norte-americanos. Foi desde o incidente do Couraçado Maine, no Porto de Havana, que deu a partida a Guerra Hispano-Americana de 1890 até o incidente do Golfo de Tonquim, em 1964, pretexto para o envolvimento massivo dos Estados Unidos em guerras, como na Guerra do Vietnã³⁰.



Foto da Marinha americana mostrando a confrontação entre o USS Decatur (esquerda) e o Contratorpedeiro PRC 170 Classe Luygan (direita) no Mar do Sul da China em 30/09/2018. Fonte: American Navy ³¹

A Emergência do “Novo Grande Jogo”

A deriva do que seria, aparentemente, um conflito comercial-tarifário para uma clara disputa geopolítica, e mesmo militar, entre os Estados Unidos e a China Popular, já anunciada na enunciação da “Estratégia Nacional de Defesa dos Estados Unidos”, de dezembro de 2017, escala, assim, de forma muito perigosa³².

A “Nova Estratégia Nacional de Defesa” aponta a China e a Rússia como potências “revisonistas capazes de colocar em risco a segurança dos Estados Unidos ao questionar o status quo” e ao mesmo tempo assinala que tais potências revisonistas, como a China e a Rússia, usam tecnologia, propaganda e coerção para moldar um mundo que representa a antítese dos interesses e valores da América e, por tal razão, devem ser contidos.

Para dar consistência e coerência ao disposto, já em agosto de 2018, a Administração Trump

³⁰ Para o debate sobre o Arquipélago das Spratly ver: “Spratly Island” In: Global Security. <https://www.globalsecurity.org/military/world/china/south-china-sea.htm>, 04/10/2018.

³¹ GCaptain. Photos Show Confrontation Between USS Decatur and a Chinese Navy Warship in South China Sea. 02/10/2018. In: <https://gcaptain.com/photos-show-confrontation-between-uss-decatur-and-chinese-navy-warship-in-disputed-south-china-sea/>, visitado em 02/10/2018.

³² White House. REFORM AND REBUILD: The Next Steps NATIONAL DEFENSE AUTHORIZATION ACT, 01/08/2018. In: https://armedservices.house.gov/sites/republicans.armedservices.house.gov/files/wysiwyg_uploaded/FY19%20NDAA%20Conference%20Summary%20.pdf, visitado em 05/10/2018.

publica o “REFORM AND REBUILD: The Next Steps NATIONAL DEFENSE AUTHORIZATION ACT/NDAA”, o Ato (Lei) Autorizativo do Orçamento do Departamento de Defesa, no valor US\$ 717 bilhões de dólares, prevendo um substancial aumento no orçamento militar e, o mais importante, nomeando especificamente a China Popular como adversário a ser combatido e prevendo a disposição de novos sistemas militares à disposição de Taiwan, o que gera forte protesto por parte de Beijing³³.

Este novo orçamento militar, aliás, reconhece que a “retirada” americana no Pós-Guerra de uma posição de “prontidão para a guerra”, anos seguidos de engajamento em guerras de desgaste no Afeganistão e no Iraque, investimentos massivos em contraterrorismo e sucessivos cortes orçamentários, em especial derivados da Crise Econômica Mundial de 2008, atingiram, em seu conjunto, a capacidade de resposta das Forças Armadas americanas. Assim, as forças americanas não possuem hoje, conforme seus líderes militares, uma capacidade “ótima” para responder a um ataque de “nocaute” de tipo Pearl Harbour, com armas hipersônicas, por exemplo, ou, na expressão do General John Hyten, “... profundidade necessária para sustentar uma guerra rápida contra um adversário com o tipo de arma hipersônica de ponta decisiva presente. Além disso, a complexidade do hardware militar moderno e a escala limitada da indústria de defesa atual limitam a capacidade de aumentar rapidamente a produção. Nem pessoal treinado poderia ser gerado em um prazo de tempo expedito”³⁴. O novo orçamento militar americano trabalha diretamente visando superar tais lacunas, inclusive na área de armas hipersônicas, onde a pesquisa e testes estão bastante avançados – como os Projetos Aerojet Rocketdyne, Northrop Grumman e Boeing orçados em mais de um bilhão de dólares, o que fez o General Paul Selva, vice-presidente do “Joint Chiefs of Staff”, declarar que “perdemos nossa vantagem técnica em hipersônicos... não perdemos a luta hipersônica [...] neste contexto, uma coisa é clara: é hora de a América empurrar para cima esta competição”³⁵.

A nova postura americana em defesa e segurança internacional espelha a “retomada” de uma política externa, via uma “diplomacia militar”, agora escorada em um forte suporte armamentista de enfrentamento com as chamadas “potências revisionistas”.

Já em maio de 2018, os Estados Unidos, inamistosamente, haviam “desconvidado” a Marinha do Exército de Libertação do Povo (sic!) de participar dos exercícios conjuntos a serem realizados na “Orla do Pacífico” – “Rim of Pacific” (RimPac) –, com a participação de 20 países, incluindo sérios concorrentes da China, como a Índia, Japão e Austrália, causando sério mal-estar nas autoridades chinesas³⁶. Da mesma forma, dois outros atos das autoridades americanas, no âmbito da política militar, tinham provocado a ira de Beijing. Primeiro, a decisão americana de dispor de um corpo de Fuzileiros Navais para guarnecer o escritório de

³³ Xinhua. China protests against signing of U.S. defense act, 14/08/2018. In: http://www.xinhuanet.com/english/2018-08/14/c_137389513.htm, visitado em 30/09/2018.

³⁴ Forbes. Hypersonic Weapons Could Transform Warfare. The U.S. Is Behind, 05/10/2018. In: <https://www.forbes.com/sites/davedeptula/2018/10/05/faster-than-a-speeding-bullet/#77b75ef35ca6>, visitado em 05/10/2018.

³⁵ Idem, Op. Cit. (mesma matéria da Forbes).

³⁶ FirstPost. US Withdraws its invitation to China to participate in world's largest naval warfare exercise citing 'behavioural inconsistencies', 25/05/2018. In: <https://www.firstpost.com/world/us-withdraws-its-invitation-to-china-to-participate-in-worlds-largest-naval-warfare-exercise-citing-behavioural-inconsistencies-4480843.html>, visitado em 30/09/2018.

interesses americanos em Taipé, Taiwan, o que igualaria a representação “informal” norte-americana – o chamado “Instituto Americano de Taiwan” - em Taipé às demais embaixadas americanas em todo o mundo³⁷. Em segundo lugar, na formulação da política de defesa norte-americana, Washington, não só declara formalmente a China Popular uma “ameaça estratégica” como, e esse é ponto mais irritante para as autoridades em Beijing, dispõe-se a uma venda de armamentos modernos em grandes proporções para Taiwan. Incluía-se aí modernos caças F-16, F-35, drones armados e minas inteligentes (para o Estreito de Formosa), o que tornaria a situação no Estreito extremamente tensa³⁸.

Da mesma forma, o estabelecimento do “Sistema THAAD/Terminal High Altitude Area Defense”, de detecção preventiva e interceptação profunda de mísseis, instalado na Coreia do Sul – em virtude do desenvolvimento da balística da Coreia do Norte – no primeiro semestre de 2018 expôs em profundidade as defesas chinesas, que ficaram sem o “tempo útil” de resposta para um contra-ataque de mísseis em caso de um conflito com os Estados Unidos, envolvendo a própria “mainland”. Tal situação mostrou-se insuportável para Beijing, que não havia desenvolvido, desde há muito tempo, uma estratégia para um conflito em larga escala com os Estados Unidos do tipo território-território. Os cenários possíveis de conflito envolviam – e envolvem – guerras limitadas, intensas e altamente tecnológicas, em cenários marítimos – Mar do Sul da China, Mar Amarelo, Mar da China Oriental. A instalação do Sistema THAAD criou uma situação nova, obrigando a uma reorientação estratégica totalmente diferenciada, da qual a movimentação de Pyongyang não é de todo estranha³⁹. Ou seja, um dos principais instrumentos de pressão que Beijing possuía sobre os Estados Unidos, a ameaça norte-coreana, tornou-se, de forma autônoma, incontrolável, após o imprevisto “Encontro de Singapura” entre Trump e Kim Jon-un. Não só resultou em um grave prejuízo estratégico com a instalação do Sistema THAAD na península, como também prejudicou, com isso, as relações Beijing-Seul e tirou da mesa as negociações sob o “Modelo 4+2” para a resolução da questão coreana (China, Estados Unidos, Rússia, Japão e as duas Coreias, que se realizavam em Beijing) sob o qual os chineses exerciam uma grande influência, e desta forma tornava-se um instrumento de pressão sobre Washington.

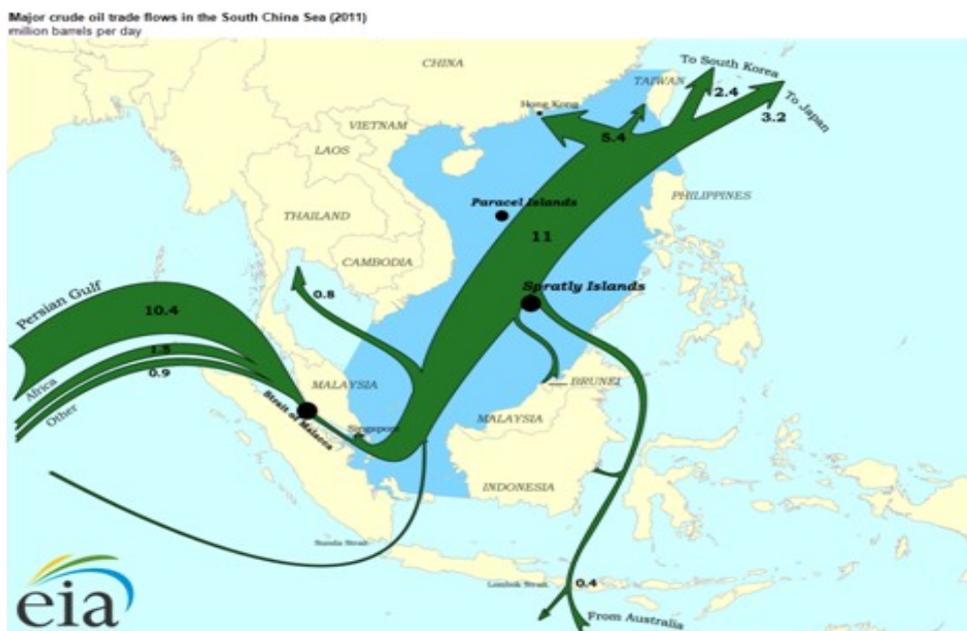
Deste modo, no “Novo Grande Jogo” da Ásia Oriental-Pacífico, decorrente de uma fase aguda de ameaças e da corrida armamentista na Península Coreana, a China Popular, sai bastante prejudicada enquanto uma potência que apostou na Ordem Mundial, e sem capacidade de exercer um papel decisivo sobre o jogo diplomático em curso que se desenrola em sua im-

³⁷ Taiwan News. State Department requests for US Marines in Taiwan, 26/06/2018. In: <https://www.taiwannews.com.tw/en/news/3470296>, visitado em 30/09/2018.

³⁸ Washington Post. The U.S. makes a new push to bolster Taiwan’s military defenses. China won’t like it, 23/07/2018. In: https://www.washingtonpost.com/news/global-opinions/wp/2018/07/23/the-u-s-makes-a-new-push-to-bolster-taiwans-military-defenses-china-wont-like-it/?noredirect=on&utm_term=.14a4903e1a95, Visitado em 30/09/2018.

³⁹ The Economic Times. THAAD: The fear of China, anxiety of Russia, 28/07/2018. In: http://economictimes.indiatimes.com/articleshow/57273866.cms?utm_source=contentofinterest&utm_medium=text&utm_campaign=cppst. Visitado em 30/09/2018. Ver também: Insider Business. Why a purely defensive, unarmed US missile defense system scares the pants off of China, 08/06/2018. In: <https://www.businessinsider.com/why-thaad-missile-defense-system-scares-the-pants-off-of-china-2017-6>. Visitado em 30/09/2018.

portante fronteira coreana, para além das demonstrações militares já realizadas junto com os russos (Manobras “Vostok”)⁴⁰. O fulcro da política externa chinesa – a manutenção das estruturas básicas da Ordem Mundial e um relacionamento baseado num “Jogo de Ganha-Ganha” com seus parceiros –, parece não ser mais possível com os Estados Unidos, obrigando a liderança em Beijing, num momento em que havia um grande interesse pós-XIX Congresso do PCCh em maiores e mais consistentes investimentos no bem-estar interno, a buscar uma nova prática e, acima de tudo, maiores investimentos na corrida armamentista.



Fonte: Today in Energy, In: <https://www.eia.gov/todayinenergy/detail.php?id=10671>, visitado em 30/08/2018.

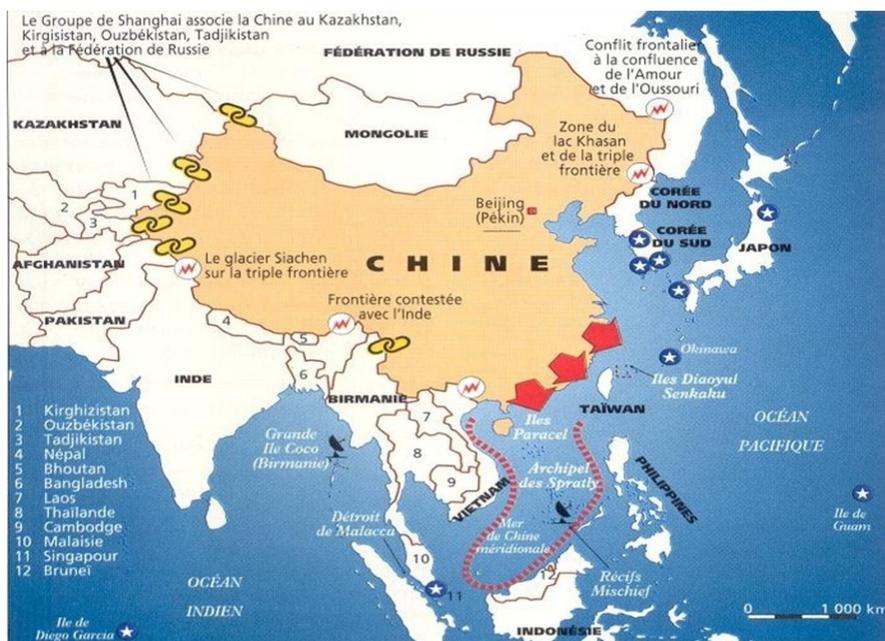
A aproximação mais estreita com a Rússia, como expressa nas manobras militares “Vostok”, realizadas em agosto de 2018, e o aumento massivo de investimento em uma nova classe de armamentos, em especial armas hipersônicas e de cegação eletrônica e cibernética, apontam para um novo realismo na abordagem de Defesa e de Segurança Internacional por parte de Beijing vão se impor como resultado da ação disruptiva da política externa norte-americana⁴¹. Da mesma forma, uma defesa intransigente do Irã, maior envolvimento na Síria, e investimentos e garantias à Venezuela, surgem como uma política objetivando evitar um bloqueio por parte dos Estados Unidos, capaz de travar o desenvolvimento, ou mesmo a sobrevivência, da potência chinesa.

⁴⁰ Sputnik. Rússia vai realizar manobras militares em grande escala, 19/07/2018. In: <https://br.sputniknews.com/defesa/2018091612222569-russia-defesa-manobras-militares-grande-escala/>, visitado em 30/09/2018.

⁴¹Sobre a questão das armas hipersônicas a própria Administração Trump, via Pentágono, reconhece o impacto geopolítico das novas armas e a mudança estratégica daí decorrente. Ver: CNBC, Russia and China are 'aggressively developing' hypersonic weapons — here's what they are and why the US can't defend against them, 21/03/2018. In: <https://www.cnbc.com/2018/03/21/hypersonic-weapons-what-they-are-and-why-us-cant-defend-against-them.html>, visitado em 30/09/2018.

Novos Teatros, Novos Atores

Nesse momento, a China Popular apresenta-se, no cenário mundial como uma potência da ordem, com a defesa ativa dos organismos mundiais, dos mecanismos de “compliance” como a melhor forma de dirimir conflitos e a negociação de diferendos, oferecendo a possibilidade de uma relação baseada no “Jogo ganha-ganha”. Na verdade, mesmo impondo contra-sanções aos bens americanos, o poder chinês é bastante inferior ao americano e a capacidade de desafio militar, em vários teatros, e, além de inferior, não é desejado e nem possui a amplitude e a capacidade de desdobramento, no momento, da América. Assim, vemos uma China na defensiva, “empurrada” para a defesa de seus interesses no Mar do Sul da China e no Mar Amarelo e da China Oriental – teatros puramente defensivos. Por sua vez, os Estados Unidos parecem ter conseguido, até o momento, sucesso – malgrado o jeito “meio estúpido de ser e de viver” de Trump, em mobilizar um “Grande Arco Estratégico” no Pacífico para a contenção de Beijing, reunindo Japão – em pleno processo de rearmamento – Austrália e Índia, no “círculo exterior” e, interior deste arco, um círculo menor, desafiando as rotas vitais de abastecimento do gigante asiático, formado de “pequenos dragões”: Coreia do Sul, Taiwan, Vietnã e Sri Lanka com o objetivo de conter a China⁴².



Fonte: Geré, François. Demain, la Guerre. Paris. Calman-Lévy, 1997

⁴¹ (cont.) Nesta entrevista, pouco depois do Presidente Putin anunciar, na agora famosa entrevista sobre as “Novas Armas da Rússia” - em 01/03/2018 - o General da Força Aérea Americana John Hyten, Comandante do Comando Estratégico dos EUA, afirmava: “Tanto a Rússia quanto a China estão buscando agressivamente as capacidades hipersônicas”, acrescentou Hyten. “Nós os assistimos testar esses recursos.” A Rússia e China são os países mais avançados neste campo, ao lado dos Estados Unidos, seguidos do Japão, Índia e Austrália, ainda que num patamar mais baixo. Richard Spier, especialista da Rand Corporation, que se dedicou a um estudo específico sobre o tema afirmou, de forma conclusiva que “... atualmente, não temos defesas efetivas contra armas hipersônicas por causa da maneira como elas voam, ou seja, elas são manobráveis e voam a uma altitude em que nossos atuais sistemas de defesa não são projetados para operar disse ele”. Op. Cit. Supra. Speier, Richard et alii. Hypersonic Missile Nonproliferation. Hindering the Spread of a New Class of Weapons. Rand Corporation, 2018. Edição Digital. Disponível em: https://www.rand.org/pubs/research_reports/RR2137.html, visitado em 13/07/2018.

⁴²Sputnik. Maior porta-helicópteros japonês visita Sri Lanka, 01/10/2018. In: https://br.sputniknews.com/asia_oceania/2018100112339027-porta-helicoptero-japones-influencia-chinesa/, visitado em 03/10/2018.

O “entorno geopolítico” chinês e seus constrangimentos e possibilidades: destacamos, ao contrário da Guerra Fria, a abertura e “pacificação” da longa fronteira terrestre (representada pelos “enlaces” possibilitados pela aliança tácita) com a Rússia expressa no Pacto de Shanghai (2001); a confirmação da aliança tradicional ao Sul com a Birmânia; a Sudoeste com o Paquistão; a presença de forças/bases americanas na Coreia do Sul, Japão/Okinawa – bem próximo das Ilhas Diaoyu/Senkaku, a montante de Taiwan e em Singapura, junto ao Estreito de Málaca, via de abastecimento de toda a região e no extremo oposto em na Ilha de Diego Garcia, no Oceano Índico, dando expressão geográfica ao conceito “Indo-Pacífico”, simultânea à “projeção de força” da China em direção aos seus vizinhos além-mar. Por sua vez, a China ocupa as Ilhas Spratly/Nansha, disputa as Ilhas Diaoyu/Senkaku e estabelece uma base no extremo oposto na Grande Ilha do Coco (cedida pela Birmânia), na entrada do Estreito de Málaca, além de estabelecer instalações no Porto de Gwadar, no Paquistão e no Djibuti, junto ao Chifre da África.

Desta forma, a “virada para o Indo-Pacífico” dos Estados Unidos, assemelha-se, de certa forma, à “pactomania” dos tempos de Foster Dulles, com a então criação da OTASE⁴³ e busca os mesmos meios de contenção e, se possível, de “roll back” da China e de sua Grande Estratégia de “One Belt, One Road”.

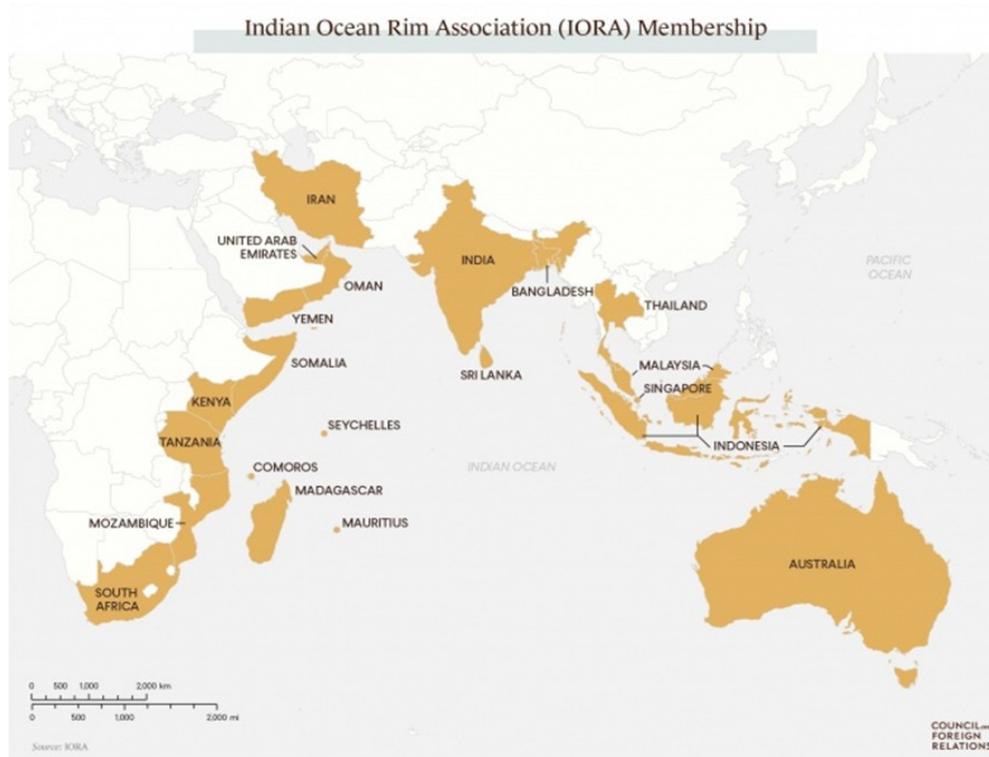
Após um longo período de inanição, ou ao menos de certa confusão política – Administração Bush e Obama – em relação a melhor abordagem em face à China na Ásia-Oriental e à “opção russa” como adversário principal, Donald Trump volta-se “en force” contra a China. A formação do “Quadrado Estratégico” do Indo-Pacífico é, neste sentido, fundamental para o enfrentamento da Geopolítica do “One Road, One Belt”. A Índia, assumindo uma herança mítica do “Rajj”, desempenha um papel central, migrando da condição de “apêndice” de uma política da Ásia-Pacífico para região-pivot do Indo-Pacífico.

Sua grande contribuição é trazer para o centro do arranjo do Indo-Pacífico proposição da chamada “IORA” – a “Indian Ocean Rim Association/Associação da Orla do Pacífico”, onde o conceito de “orla”, “entorno”, “rim” representa o retorno em força da geopolítica colonial de Mackinder, atualizada por Nicolas Spykman, para uma moderna geopolítica pós-Guerra Fria, pós-Globalização.

A IORA foi uma iniciativa da África do Sul, em 1995, e da Índia, esposada pela Austrália, com apoio de Mauritius que a sedia em Ebene, tendo permanecendo desde sua conformação em 1997 como uma associação consultiva e de cooperação entre 21 países membros sem maior expressão. Agora, em 2018, sob impulsão da Índia, Austrália e Japão (com os Estados Unidos e os países do “Quadrado Geopolítico do Pacífico” esposando com entusiasmo a ideia básica) assume um amplo dinamismo e relevância como uma associação capaz de fazer frente à política de “One Road, One Belt” e merece atenção dos Estados Unidos como um fórum alternativo. Assim, Índia sugere fortemente aos Estados Unidos, após abandonar a TPP, a considerar a IORA como uma plataforma válida para um “Corredor de Crescimento Ásia-África”, baseado em infraestrutura e conectividade, além de um sério combate ao terrorismo,

⁴³ OTASE ou SEATO foi criada pelo Pacto de Manila em 8 de setembro de 1954 e visava conter a expansão comunista na Ásia, contando com a participação dos Estados Unidos, seu proponente, França, Grã-Bretanha, Filipinas, Austrália, Paquistão, Nova Zelândia, Austrália, Vietnã, Laos e Camboja, sendo uma espécie de OTAN da Ásia.

ao narcotráfico e à pirataria, um programa ao qual o Japão e a Austrália se engajariam fortemente⁴⁴.



Fonte: The U.S. Indo-Pacific Strategy Needs More Indian Ocean - Council on Foreign Relations. (<https://www.cfr.org/expert-brief/us-indo-pacific-strategy-needs-more-indian-ocean>), visitado em 24/01/2019

Ante a firmeza da resposta chinesa no seu “entorno geopolítico”, insistindo na natureza da “blue China” do Mar do Sul da China, único âmbito onde de fato a China pode apresentar uma postura firme e mostrar suas capacidades, incluindo um enfrentamento aeronaval de extrema violência, mas que não atinja a “mainland” de ambos os contendores, ao mesmo tempo que reafirma a natureza “vital” da Política de “Uma só China, dois regimes”, conforme estabelecida na Constituição da República Popular da China, nos seus Artigos 2º e 5º, sendo considerados pontos “sagrados”, inegociáveis⁴⁵.

Os Estados Unidos, por sua vez, não podem se deixar intimidar. Numa típica ação de “grande potência”, que muito emula o comportamento das potências europeias nos fatídicos processos que antecederam 1914, Washington buscou responder às ações chinesas no Mar do Sul da China com capacidade superior e reação punitiva, para provar aos seus aliados, em

⁴⁴ Council on Foreign Relations. The U.S. Indo-Pacific Strategy Needs More Indian Ocean, 25/05/2018. In: <https://www.cfr.org/expert-brief/us-indo-pacific-strategy-needs-more-indian-ocean>, visitado em 30/09/2018.

⁴⁵ Constituição da República Popular da China. The People's Daily, 1982-12-04. In: <http://en.people.cn/constitution/constitution.html>, consultado em 30/09/2018.

especial aos países menores e suscetíveis à sedução chinesa, que estão presentes no Indo-Pacífico. Daí a exibição de força com uma postura firme e permanente, tal qual, em campos opostos, a Áustria-Hungria ou o Império Russo em 1914⁴⁷.

Numa visão ampla podemos dizer que a questão toda gira em torno do crescente desprestígio da diplomacia como instrumento das relações internacionais – notável na administração Trump – em favor da “diplomacia militar”. Depois de décadas de brilhantismo enquanto formulação de resposta a crises, sob a direção de Henry Kissinger, Zbigniew Brzezinski e Madeleine Albright, o Departamento de Estado americano entra em declínio nas administrações Bush (Junior) e Obama (com o desastre da gestão Hilary Clinton) para ser praticamente esvaziado com Donald Trump, que dá muito mais importância ao grupo “palaciano” e aos “sábios” militares que busca no Pentágono. Da mesma forma, o uso constante da “diplomacia presidencial”, onde a personalidade do indivíduo, o humor e caráter de cada um moldam as relações internacionais, limitam e constroem as negociações internacionais.

A evolução da diplomacia militar começa a moldar as novas relações internacionais em direção a um processo de atrito e confrontação.

Assim, em 05/10/2018, a imprensa americana – a CNN – “vaza” informações de uma gigantesca manobra aeronaval no Pacífico – fala-se em “a global show of force” – estendendo-se desde o Mar do Sul da China e do Estreito de Formosa até a Costa Ocidental da América do Sul, onde especialmente, segundo o Pentágono, a China possui fortes interesses econômicos, visando responder aos últimos atos da China nos “mares do Sul” e ao mesmo tempo demonstrar aos aliados da Região do Indo-Pacífico a disposição norte-americana em permanecer na região como uma grande potência⁴⁸.

Não há grandes chances de um retorno à diplomacia clássica.

A grande novidade nesse momento, e o evento disruptivo, seria a injunção quase imperativa de ambas as partes em usar a força militar, ou ao menos mostrar a disposição em usar o poderio militar – pelo qual gastam imensos recursos – visando evitar uma humilhação ou em resposta a uma percepção de risco. Para os chineses, muito especialmente, trata-se de garantir os interesses nacionais e o que consideram a dignidade tão custosa e recentemente readquiridos da nação. Muito conscientes de sua própria história contemporânea, vêem a China constantemente humilhada desde a Primeira Guerra do Ópio em 1839, perante o Ocidente, incluindo de certa forma o impasse coreano e agora a imposição do Sistema THAAD e o “escape da Coreia do Norte” do controle de Beijing. Uma nova humilhação agora perante os Estados Unidos seria a abdicação chinesa a desempenhar qualquer papel significativo no cenário mundial, envolvendo diversas dimensões do relacionamento das duas grandes superpotências⁴⁹.

⁴⁷ Hastings, Max. *Catástrofe, 1914. A Europa vai à Guerra*. Rio de Janeiro, Intrínseca, 2014, p. 80 e ss.

⁴⁸ CNN. US Navy proposing major show of force to warn China, 04/10/2018. In: <https://edition.cnn.com/2018/10/03/politics/us-navy-show-of-force-china/index.html>, visitado em 05/10/2018.

⁴⁹ Sputnik. Já não é apenas uma “Guerra Comercial”, 03/10/2018. In: https://br.sputniknews.com/asia_oceania/2018100312353575-china-eua-guerra-comercial-confrontacao/, visitado em 03/10/2018.

Assim, o incidente de 30 de setembro nas Ilhas Spratly/Nansha guarda um significado especial e deve ser entendido neste contexto: a China como uma potência da ordem e, contudo, decidida a não abdicar de sua dignidade e de sua consciência de ser, agora, uma grande potência⁵⁰.

Por outro lado, a opção crescente dos Estados Unidos por uma “diplomacia militar” e guiado por “percepções” disruptivas de um líder impõe às relações externas do país uma dinâmica cada vez mais nacionalista, baseada numa noção bastante estreita de “interesse nacional”, deslocada do conceito vigente até a administração Obama de “interdependência complexa”, base da ordem mundial caracterizada pela globalização.

É importante destacar, na contramão da mídia comum e mesmo de alguns cientistas políticos mais apressados, que não estamos perante a uma “segunda edição da Guerra Fria”. Malgrado a linguagem agressiva, a emergência da “diplomacia militar”, a situação atual de competição entre as Grandes Potências nada tem a haver com as estruturas de poder mundial estabelecidas entre 1945 e 1991 na esteira de Potsdam e Ialta. Naquele momento, tínhamos uma violenta competição entre sistemas completos, competição ideológica, política, econômica e militar entre sistemas – o capitalismo e o socialismo de Estado⁵¹. Hoje, os competidores – claramente a Rússia e os Estados Unidos, não procuram “exportar” seus modelos econômicos de organização da sociedade, e mesmo a China, a potência emergente no “Grande Jogo” – com seu modelo econômico e social que merece um amplo debate conceitual acerca de sua natureza – não busca de forma alguma “exportar” um modelo e apresenta-se bem mais como uma potência da ordem, buscando a garantia das estruturas da chamada “Nova Ordem Mundial”.

Por paradoxo, os Estados Unidos de Donald Trump surgem bem mais como um fator disruptivo da Ordem Mundial do que seus competidores.

Assim, não devemos entender o atual momento geopolítico como um “regresso”, buscando na Guerra Fria os instrumentos de entendimento. Na verdade, adentramos uma fase histórica inteiramente nova, incerta e volátil, onde as regras relativamente pautadas e mutuamente contidas das “condição MAD” e do “equilíbrio do terror”, da “mútua contenção” alcançadas por um patamar bélico nivelado por um “optimum” de armamentos não se repetirá. Hoje, a existência de uma nova revolução tecnológica na construção de armamentos, em especial na classe de armas hipersônicas e de negação e cegação de espaço eletrônico e cibernético tornam o equilíbrio do terror e a “condição MAD” – uma típica inversão do axioma clausewitziano – obsoletos e assim adentramos a um mundo plenamente hobbesiano.

Por esse caminho, o famoso axioma da Guerra Fria, “guerra improvável, paz impossível”, conforme Raymond Aron, torna-se, esse sim, obsoleto, com a real possibilidade de uma rápida, brutal e altamente tecnológica guerra entre potências e, portanto, os estudos da guerra e paz uma imperiosidade.

⁵⁰ Sputnik. China demonstra a EUA quem manda no Mar do Sul da China, 03/10/2018. In: https://br.sputniknews.com/asia_oceania/2018100312358187-china-eua-confrontacao-navios-poderio-militar/, consultado em 03/10/2018.

⁵¹ Teixeira Da Silva, Francisco C. (Org.) Enciclopédia de Guerras e Revoluções. Rio de Janeiro, Elsevier, 2017, vol.3, p. XV e s.



“Percepção” chinesa de risco e ameaça. Fonte: Ministry of National Defense. China's national defense policy for the new stage in the new century basically includes, 04/10/2018. In: <http://eng.mod.gov.cn/defense-policy/index.htm>, visitado em 05/10/2017. Vemos na representação chinesa a presença do poder aeronaval americano junto ao mar do Sul da China e ao Mar Amarelo apontado como risco, ao lado de pontos de controle da Rota dos Estreitos de Málaga.

Enfim, apresentamos neste ensaio algumas preocupações da História do Tempo Presente e da Geopolítica pós-Guerra Fria, buscando ressignificar alguns conceitos – em especial “entorno”, região-pivot, apresentadas numa nova dimensão, bem como de “corrida armamentista” – ou seja: a projeção geopolítica de sistema de armamentos como THAAD, S-400, armas hipersônicas, cyberguerras e a guerras eletrônica. “Note bene”: não estamos falando aqui de “guerra sem guerra”, mas de guerra real com novos sistemas de armamentos ultratecnológicos e de seus impactos geopolíticos, temática cara, por exemplo, durante a Guerra Fria a pensadores com Herman Khan⁵².

Óbvio que tratamos aqui de suposições, embora sejam suposições referidas a um amplo, devo dizer trabalhoso, material de base recolhido de fontes diversas e plurais. Os objetivos, além de testar as hipóteses e de explicitar a capacidade de produzir, no Brasil, um pensamento geopolítico de ponto e de qualidade.

⁵² Khan, Hermann. On Termonuclear War. Princeton, University Press, 1960.

Quanto às hipóteses defendidas podemos resumi-las da seguinte forma:

1. Evolução rápida da chamada “Trade War” para um conflito geopolítico entre Estados Unidos e China Popular;
2. A “opção chinesa” de Donald Trump e do Pentágono como o principal “risco estratégico” dos Estados Unidos no século XXI;
3. A emergência do “Indo-Pacífico” como a nova e mais relevante área geoestratégica do planeta;
4. A emergência da Índia como potência-mediadora no Indo-Pacífico;
5. Evolução positiva da situação estratégica da Rússia nas relações EUA/China/Índia;
6. Eclipse geopolítico da União Europeia; e
7. Foco secundário de conflito Estados Unidos/China no Oriente Médio/Golfo Pérsico, envolvendo Irã/Arábia Saudita/Turquia (a possibilidade, ao nosso ver mais fraca e merecedora de um maior estudo e detalhamento).

De qualquer forma, nos apropriamos do aforismo do Dr. Anísio Teixeira, em sua humildade epistemológica, ao afirmar que “...não morria de amores por suas ideias!”. Tivemos, neste ensaio, talvez, o único, e insisto, trabalhoso, mérito de colocar tais ideias na “tela do computador” e apresentar aos colegas da Escola Superior de Guerra/ESG, espaço privilegiado do debate estratégico no Brasil, para difusão aos leitores destes Cadernos.

Convidamos os colegas a trilhar o mesmo caminho e aprofundar, corrigir e refutar as propostas aqui apresentadas e assim garantir um espaço criativo para a Geopolítica no Brasil.

A sua opinião sobre o tema é importante.
Envie seu comentário para cee18@esg.br